

Sábado Santo

“... colocou o corpo de Jesus num túmulo novo, que mandara escavar na rocha...”

É **Sábado** e Jerusalém voltou à sua normalidade: nada mudou, ao menos aparentemente, na história. Silêncio gélido, desconcerto, frustração e indiferença cobrem a cidade santa como um manto de densa neblina.

Como seguidores(as) de Jesus vivemos nossos adventos, natais, quaresmas, páscoas e pentecostes; vivemos nossas sextas-feiras; é preciso aprender a viver o incômodo silêncio dos sábados santos.

No caminho do seguimento de Jesus há **“Sábados Santos”**, tanto no nível pessoal como comunitário: passamos por contínuas mortes, noites escuras, crises, silêncios carregados de tristeza, falta de esperança, dúvidas de fé, fracassos, traumas...

A humanidade inteira vive um grande **“Sábado Santo”**; há uma espera angustiada dos povos.

+ Partindo desta experiência, contemplemos um momento como descem do Gólgota, Maria, o discípulo amado e algumas mulheres que estavam junto à Cruz, com a horrível sensação de que tudo acabara.

+ Hoje é **Dia de silêncio**: recordar os grandes **silêncios** da vida (perdas, fracassos, crises...) onde não há razões, mas no silêncio profundo, algo novo começa a germinar...

+ É preciso envolver este “sábado santo da vida” com os **perfumes** da compaixão, solidariedade, amizade, comunhão...

- Onde encontrar a razão, o segredo e o sentido deste dia que dá a sensação de um “dia morto”?

Certamente está neste fato: se o Crucificado não tivesse descido até os **“infernos”** da vida, em quem os homens e as mulheres que ali vivem poderiam se apoiar? A quem poderiam ter por companheiro, amigo e irmão? De quem poderiam sentir uma presença consoladora?

A Igreja primitiva viu a **“descida entre os mortos”** como paradigma da Redenção. No Sábado de Aleluia, ela lembra este **“descer”** às profundezas da terra e da humanidade.

Na **“descida aos infernos”**, lá onde o ser humano chegou ao extremo, onde ele se encontra excluído de toda comunicação e comunhão, onde não pode fazer mais coisa alguma, aí Jesus o toma pelas mãos e ressurge com ele para a vida. Jesus Cristo acolheu tudo quanto é **humano** e desta maneira tudo redimiu. Ele **“subiu”** ao céu porque **“desceu”** às profundezas da terra.

- A descida aos **“infernos”** é imagem da descida de Jesus às regiões sombrias de nossa existência.

Descobrimo-Lo presente nos nossos “infernos interiores. As profundezas de nosso ser se iluminam, e tudo quanto foi reprimido, recalcado, ferido... é tocado e assumido por Jesus e nos desperta para a vida.

É preciso descer, com Jesus, ao túmulo de nossa interioridade, transitar pelos espaços e dimensões não integradas. Só quem desce às profundezas de si mesmo é capaz de vislumbrar potencialidades de vida que não foram ativadas. É preciso morrer ao “ego”, “descer” aos “infernos” interiores e sociais para expandir a vida em novas direções.

O evangelista João nos diz que Jesus, após sua crucifixão, foi colocado em um **“sepulcro novo”**.

O sepulcro representa a **“passagem”** entre o antigo e o novo. Ao ser fechado com uma pedra, no entardecer da Sexta-Feira Santa, encerrava-se um ciclo. Ao se abrir, na madrugada do domingo, inaugura-se um novo tempo, uma nova Criação. Os sinais estão ali, no ventre aberto da Terra. Sinais que podem ser mudos para nós e fazendo-nos deter no passado, ou podem ser umbral de novas significações.

- Nosso mundo carrega a cultura da morte, do ódio, da violência, da intolerância... Toda a criação geme em dores de parto, esperando vida plena.

Em meio a tantas trevas, só há uma pequena luz que permanece acesa da casa do discípulo amado, na casa daquele a quem Jesus confiou sua **Mãe**, no momento de sua morte. A Mãe é o símbolo da esperança no Sábado Santo. É o dia “mariano” por excelência. Nunca, como neste dia, ela se sentiu tão só, tão sem corpo. Mas, com certeza, o Abbá de Jesus tinha para ela um segredo, um advento inesperado: o momento de exclamar: **“tu és o meu Filho, eu hoje te gerei”** (Heb. 1,5).

As mães geram a vida; por isso, custa-lhes crer na morte. Maria continua crendo na vida; ela é mãe demais para esquecer. Seu filho é “muito Filho” para morrer.

- **Sábado Santo** é tempo não só de espera, mas de **esperança**; é deixar que o grão de trigo morto comece a dar fruto, é tempo de um inverno que tornará possível as flores da primavera, é tempo de imaginar, de criar, de abrir-se a algo novo e inesperado, de sonhar um mundo melhor e uma Igreja mais nazarena.

Este espaço de silêncio não é de morte senão de vida germinal, é noite que aponta à aurora, são as noites escuras da vida que desembocam na alegria da alvorada; é tempo de fé e de esperança, é momento de semear, mesmo que não vejamos os resultados, é tempo de crer que o Espírito do Senhor, criador e doador de vida, está fecundando a história e a terra para seu amadurecimento pascal e escatológico, para a terra nova e o céu novo.

- A Luz está para chegar. O Espírito ficou sem palavra, mas já sussurra. A voz do silêncio já geme; nele vislumbra-se a chegada da **Vida**. Algo grandioso se prepara.

Da escuridão da morte do Filho de Deus brota a **Luz** de uma esperança nova: a luz da **Ressurreição** reflete-se no rosto de Maria. Nossa amizade e devoção a Maria da esperança, a transparência feminina do Espírito, nos mantém no ritmo da espera. Aproximam-se os rumores de **ressurreição**. É **Páscoa**.

Não basta re-nascer; é preciso assumir nossa condição de responsáveis de uma **Nova Vida**.

+ Texto bíblico: Mc 15,42-47

+ Neste **Sábado Santo**, situemo-nos junto ao sepulcro, lugar onde tivemos os últimos sinais ou notícias d'Aquele que foi fiel até o fim.

+ S. Inácio nos convida a passar este dia na casa de Maria, em comunhão com seus sentimentos e sua esperança. É a única que tem certeza que a Vida do seu Filho não permanece na morte.

+ Sua atitude revela-se **antecipadora da Ressurreição**, assim como ela antecipou o primeiro "sinal" de Jesus nas Bodas de Caná.